



## **Análise do Filme E A VIDA CONTINUA (1993) sob a perspectiva da Didciplina de Imunologia Clínica**

### **Autor(res)**

Daniela Farias Cabral  
Joana Darc. Moreira Da Silva  
Heloisa Coutinho Oliveira  
Bruno Marcos Da Silva Santana  
Caroliny Mendes  
Vinícius Nascimento Da Silva

### **Categoria do Trabalho**

Trabalho Acadêmico

### **Instituição**

CENTRO UNIVERSITÁRIO ANHANGUERA DE SÃO PAULO

### **Introdução**

O filme E A VIDA CONTINUA relata a importância do vírus da AIDS nos anos 80, pesquisadores e médicos pesquisavam sobre um surto de mortes repentina em que quase todos os casos eram com homens que frequentavam saunas e tiveram vários parceiros sexuais.

No entanto, a doença ficou conhecida em primeiro lugar como “câncer gay”, ou “pneumonia gay”, mas também começaram a surgir casos com pessoas que não eram homossexuais e também em bebês, fazendo com que os pesquisadores chegassem à conclusão q era causada por um retrovírus, transmitido por relação sexual transfusão de sangue, compartilhamento de agulhas (drogas injetáveis), e transplante de órgãos.

Reunimos alguns artigos científicos com temas abordados no filme.

Roger Spottiswoode foi um dos primeiros cineastas a abordar, em sua obra, o início das investigações sobre o HIV (AIDS). Além de ter sido um precursor ao retratar os primeiros passos na identificação dessa doença de caráter epidemiológico, seu trabalho representou um marco importante para a conscientização e o enfrentamento de enfermidades infecciosas.

### **Objetivo**

O presente trabalho tem como objetivo analisar, a partir da representação cinematográfica e de dados científicos, a trajetória da epidemia de HIV/AIDS, destacando desde os primeiros registros e as dificuldades iniciais de identificação do vírus até os avanços terapêuticos e preventivos atuais. Busca-se compreender não apenas os aspectos biomédicos da doença, mas também as implicações sociais e cul

### **Material e Métodos**

A pesquisa desenvolveu-se por meio de abordagem qualitativa e caráter bibliográfico, fundamentada em revisão de literatura clássica e contemporânea sobre o HIV/AIDS, incluindo publicações científicas, documentos oficiais de



órgãos de saúde, legislações brasileiras e materiais audiovisuais, como o filme analisado. O método adotado consistiu em levantar, organizar e interpretar informações a partir de fontes primárias e secundárias, com o intuito de articular os dados biomédicos sobre o vírus e as formas de tratamento às dimensões sociais e culturais da epidemia. A análise buscou integrar a narrativa cinematográfica ao contexto histórico e científico, permitindo refletir sobre o desenvolvimento das estratégias de enfrentamento da AIDS e suas repercussões na sociedade contemporânea.

## Resultados e Discussão

O filme inicia apresentando, em paralelo às pesquisas científicas, o contexto de epidemias na África, como a do Ebola, enfatizando a sensação de que algo ainda mais grave e inédito estava prestes a surgir. Naquele momento, não havia compreensão sobre a manifestação da nova doença, tampouco sobre o vírus causador, suas formas de transmissão ou possibilidades de tratamento. O que se sabia era apenas que se tratava de uma enfermidade desconhecida, de rápida disseminação e com alta taxa de mortalidade.

Os primeiros registros de casos identificados como AIDS surgiram entre 1977 e 1980, em diferentes regiões, como Estados Unidos, Haiti e África Central. A doença ganhou maior atenção em 1981, quando o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) dos EUA divulgou um relatório sobre a morte de cinco homens jovens por pneumonia rara. No ano seguinte, consolidou-se a denominação Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS). O filme retrata os atores como funcionários do CDC, empenhados em investigar a nova enfermidade. A equipe de vigilância epidemiológica entrevistava pacientes diagnosticados, tentando identificar fatores comuns que pudessem explicar a origem da doença.

Em 1983, pesquisadores conseguiram isolar o vírus, confirmando a hipótese de se tratar de um agente infeccioso. Um dos primeiros casos relatados envolveu a transmissão de mãe para filho durante a gravidez, revelando a gravidade da situação. O longa destaca a urgência das investigações, que enfrentaram grandes dificuldades para isolar o HIV, atrasando a confirmação científica definitiva.

O vírus HIV compromete diretamente o sistema imunológico, atacando principalmente os linfócitos T-CD4+, células fundamentais na defesa do organismo. Com a destruição progressiva dessas células, o corpo perde a capacidade de combater infecções, abrindo espaço para doenças oportunistas. Enquanto a infecção pelo HIV representa a presença do vírus, a AIDS é o estágio mais avançado, caracterizado pelo surgimento de complicações graves decorrentes da imunossupressão.

A infecção pelo HIV gera um desequilíbrio entre a produção de espécies reativas de oxigênio e os mecanismos antioxidantes das células. Esse processo provoca estresse oxidativo, danificando a integridade das células imunes e comprometendo o metabolismo. Tais mecanismos estão intimamente relacionados à progressão da imunodeficiência, reforçando o papel central do estresse oxidativo na patogênese da AIDS.

Nos primeiros anos da epidemia não havia tratamento específico. O AZT (zidovudina) foi a primeira droga utilizada, com a capacidade de retardar a progressão da doença. Entretanto, seus efeitos colaterais eram severos, incluindo anemia, toxicidade hepática e danos à medula óssea. Apenas na década de 1990, com a introdução das terapias antirretrovirais combinadas, o tratamento foi revolucionado, oferecendo maior expectativa e qualidade de vida.



Hoje, estratégias de prevenção mais eficazes complementam o tratamento. A PrEP (Profilaxia Pré-Exposição) consiste na ingestão diária de medicamentos antirretrovirais, indicada para pessoas em risco contínuo de exposição, como parceiros de soropositivos, profissionais do sexo e usuários de drogas injetáveis. No Brasil, a PrEP passou a ser distribuída gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS) em 2017. Já a PEP (Profilaxia Pós-Exposição) é indicada em situações emergenciais, como violência sexual, acidentes ocupacionais ou relações desprotegidas. O tratamento deve ser iniciado, preferencialmente, nas primeiras duas horas após a exposição, com uso contínuo por 28 dias.

Apesar dos avanços biomédicos, o estigma em torno do HIV/AIDS permanece um dos maiores desafios. Pessoas vivendo com o vírus ainda enfrentam discriminação, exclusão social e até violência física. A Lei nº 12.984/2014, que criminaliza a discriminação contra portadores do HIV, representa um marco jurídico importante, mas o preconceito continua a afetar a vida de muitos indivíduos.

## Conclusão

A trajetória da epidemia de HIV/AIDS, retratada tanto pela ciência quanto pela arte cinematográfica, evidencia o impacto profundo de uma doença que transformou paradigmas biomédicos, sociais e culturais em escala global. Do desconhecimento inicial à identificação do vírus, do uso limitado do AZT às terapias antirretrovirais combinadas e às estratégias preventivas como a PrEP e a PEP, observa-se um avanço significativo na capacidade de controlar a infecção e oferecer qualidade de vida às pessoas soropositivas. Contudo, apesar das conquistas científicas, a discriminação ainda persiste.

## Referências

Anjo A. Justiça Vaillant; Ahmad Qurie. Última Atualização: 26 de junho de 2023. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK500027/>

Boletim da Saúde, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 163-168, jul./dez. 2016

Carvalho, C. A., & Azevêdo, J. H. P. (2019). Do AZT à PrEP e à PEP: Aids, HIV, movimento LGBTI e jornalismo. RECIIS, 13(2). <https://doi.org/10.29397/reciis.v13i2.1698>

TREITINGER, Aricio. Alterações metabólicas e do sistema de defesa antioxidante no plasma e em células mononucleares decorrentes da infecção pelo vírus da imunodeficiência humana. 1996. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/9/9136/tde-10032015-110940/>. Acesso em: 16 set. 2025.